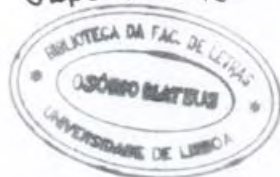


JAIME SALAZAR SAMPAIO
TEATRO COMPLETO

II



UFL 071 00076



JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

II

MAGDALENA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

O PROFESSOR DE PIANO

PERSONAGENS

CLARA

CLARINHA

CARLOS

CARLITOS

«Ce dont on ne peut parler, c'est cela
qu'il faut dire.»

VALÈRE NOVARINA

(*Le Théâtre des Paroles*)

Num espaço neutro, de dimensões consideráveis, duas raparigas dobram lençóis. Clara e Clarinha, são os seus nomes de guerra. Há lençóis dobrados e por dobrar por toda a parte; ora banhados pelas luzes de cena, ora na penumbra. A um canto, fora do lugar da acção, existe um piano, encoberto por uma cortina. Clara e Clarinha talvez não sejam duas personagens distintas mas apenas duas aparências de uma única, hipotética, personagem dividida. Ora se tratam por tu, ora por você, como se não soubessem exactamente qual o grau de intimidade que entre elas possa existir.

CLARA — Sonhei que tinha um professor de piano.

CLARINHA — No meu sonho, o professor de piano era esbelto, jovem, romântico e com grandes olheiras. (*Pausa.*) Mas, de repente — não te entusiasmes, rapariga! —, mudava de aparência. (*Pausa. Com desânimo.*) Barbicha, meia-idade, fato escuro, raríssimos cabelos demasiado compridos e um rolo de papel de música — todo amarrutado — debaixo

do braço. *(Hesitante.)* Levemente pedante, se não estou em erro. *(Cada vez mais hesitante.)* Genial, quem sabe... *(A meia voz.)* Ele há tantas coisas no meu sonho que eu não consigo recordar...

CLARA *(acabando de dobrar um lençol e ficando com ele nos braços)* — Mas seria mesmo um professor de piano? *(Pausa. Desdobra o lençol e estende-o no chão, sentando-se em cima dele. Sonhadora.)* ... Ou apenas, num certo sentido... um sentido secreto... o ruído do mar na minha cabeça? *(Ouve-se, muito ao longe, um solo de piano, acompanhado pelo ruído do mar. Um tempo. A música e os ruídos cessam.)*

CLARINHA *(sentando-se também em cima do lençol)* — Curiosamente, o piano do meu professor de piano não entrava no meu sonho.

CLARA *(acariciando o lençol)* — Algas. Algumas rosadas, outras cor de esmeralda. *(Pausa.)* E as ondas, deslizando... Lentas, perfumadas.

(Brevíssima intervenção do piano.)

CLARINHA *(levantando-se)* — Exímio pianista, podia ter sido o meu professor de piano, se no meu sonho houvesse um piano para ele praticar...

CLARA *(levantando-se também)* — Seria então o próprio murmúrio das ondas aquela melodia?

(Breve intervenção do piano, quase abafada pelo ruído do mar.)

CLARA *(mal o silêncio se restabelece)* — Seria então o areal, a brisa marítima, o perfil das rochas e as próprias algas, o verdadeiro piano dentro do meu sonho?

(As duas levantam o lençol do chão e voltam a dobrá-lo. Um tempo.)

CLARINHA *(suspendendo o trabalho)* — A certa altura, o professor morria.

CLARA *(falando, pela primeira vez, directamente para Clara)* — Ora, ora... Não se morre em sonhos, minha amiga...

CLARINHA *(peremptória)* — Mas os sonhos morrem! *(Falando, também pela primeira vez, directamente para a outra.)* A minha amiga sabe muito bem!

CLARA *(incitando Clarinha a retomar o trabalho)* — Não faça... ora, ora... trapalhadas. *(Obrigando Clarinha a aceitar uma das pontas do lençol.)* Agarre desse lado... Estique!... Volte!... Dobre-o como deve ser...

CLARINHA *(aguerrida, largando a ponta do lençol)* — No meu sonho, ninguém era obrigado a dobrar lençóis... Nunca!

CLARA *(ambígua)* — Ah, sim?!... Então era um sonho bastante agradável...

(Sorridente, Clarinha concorda, com um movimento de cabeça.)

CLARA *(de súbito severa)* — O pior é que os sonhos agradáveis são os mais cruéis.

(Obriga Clarinha a pegar de novo no lençol e começam ambas a dobrá-lo. Um tempo. Sucessivamente, e agora a um ritmo frenético, dobram mais alguns lençóis. Esgotadas, interrompem o trabalho. Voltando as costas uma à outra, saem. Um tempo. Regressam, trazendo cada uma delas um banquinho. Sentam-se, muito afastadas uma da outra.)

CLARA *(sorridente, após um tempo de silêncio, a folhear o caderno)* — ... São os mais cruéis, os sonhos agradáveis. *(Pausa. Largando o caderno.)* Uma pessoa acorda a meio da noite, sai do casulo, não é... e olhando à sua volta, compreende que está tudo por fazer. *(Agarra numa vassoura e começa a varrer a casa, numa fúria.)* Tudo por fazer!... Absolutamente tudo!... *(Pára de varrer e observa a vassoura.)* ... E é por isso que uma pessoa, nesta lida, não se pode distrair. *(Brinca com a vassoura, tentando equilibrá-la num único dedo. Um tempo. A vassoura escorrega e acaba por cair, batendo levemente em Clarinha.)* ... Ou então paga... *(designando Clarinha)* ... e faz pagar aos outros... o elevado preço da sua distração. *(Um tempo. Com vivacidade, apontando para uma pilha de lençóis dobrados, bem como para outros lençóis, a esmo, ainda por dobrar.)* Já pensou, por exemplo, o que seria deste mundo sem milhões de milhões de lençóis dobrados? *(Sem dar tempo a Clarinha de contestar.)* Como é que a Humanidade podia dormir? *(Pausa.)* Dormir, sim... Sonhar, fazer amor...

CLARINHA *(impertigada)* — Ele há montes de pessoas que não têm cama... Quanto mais lençóis!

CLARA *(com amável severidade)* — E em seu entender: será essa a situação correcta?... Parece-lhe justo, minha amiga?... Decente?... Defensável? *(Impondo silêncio a Clarinha e subindo de tom.)* Será que vem na Bíblia ou no Manifesto de um qualquer Partido político que para mantermos a harmonia universal e a estabilidade das cotações da Bolsa é indispensável haver pessoas sem cama e sem lençóis?

(Clarinha baixa a cabeça, sem responder. Um tempo. Recomeçam ambas a dobrar lençóis, mas desta vez com exasperante lentidão. Dobram, a este ritmo, uns quantos lençóis. Feito isto, voltam a sentar-se nos respectivos banquinhos, cada uma a seu canto, alheadas. Um tempo. Ouvem-se, muito ao longe, ruídos indistintos.)

CLARA *(depois de olhar à sua volta, parecendo escutar)* — Olha lá. *(Pausa.)* Mas responde com sinceridade!... *(Volta a olhar em volta, com ansiedade.)* Tu achas... enfim... parece-te... que eles estão mesmo a ouvir o que nós dizemos?



Este segundo volume
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio
foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000
ED. 4200095
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97